



TESTEMUNHANDO A 'FALTA DE CHÃO': Estratégias autobiográficas em Bodenlos de Vilém Flusser

WITNESSING FROM 'GROUNDLESSNESS':

Autobiographic Strategies in Vilém Flusser's Bodenlos

Katja Selmikei¹

Revisão: Cláudia Maria Busato

Resumo:

Em seus textos autobiográficos, Vilém Flusser testemunha uma vida 'extraordinária', existencialmente 'sem chão' (bodenlos). Trata-se do esforço, por meio da escrita, tanto de situar-se em um contexto, quanto de abrir outros; a narrativa se desenrola desde uma perspectiva excêntrica, como se fosse um olhar 'de fora' sobre a própria vida. O presente artigo analisa as estratégias autobiográficas desenvolvidas pelo filósofo a partir dos pontos de inter-relação entre memória, autocompreensão e engajamento.

Palavras-chave: autobiografia; sujeito; 'falta de chão'; estranheza; diálogo; ensaio.

Abstract:

In his autobiographic texts, Vilém Flusser bears witness to an 'extra-ordinary', 'existentially groundless' life. Apart from positioning himself, he also opens up a perspective 'from outside' to others onto their own lives. This article intends to analyse how Flusser develops his own autobiographic strategies from the interceptions between memory, self- conception and engagement.

Keywords: autobiography; subject; 'groundlessness'; strangeness; dialogue; essay.

¹ Katja Selmikeit é mestranda no Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Livre de Berlim. Participou, como autora e organizadora, da construção de uma página acadêmica na Internet sobre "autobiografias transnacionais" (<http://prof08b.lai.fu-berlin.de/index.php?id=635>). Além disso, é tradutora e jornalista. katjaselmikeit@web.de





Uma experiência da solidão: Testemunhando a falta de chão

A expressão 'falta de chão'² pode ser definida como um "clima que todos conhecem de experiência própria, embora possam tentar suprimi-lo", escreve Vilém Flusser na introdução à sua 'autobiografia filosófica' Bodenlos (FLUSSER, 2007a: 19). É uma vertigem, um girar sem sentido, uma vacilação desesperada que, evidentemente, eu - berlinense mais ou menos sedentária e, como tal, sentindo-me apoiada sobre um fundamento sólido - conheço bem. A leitura de Bodenlos provoca em mim um arrepio, como se fosse a vaga lembrança de um pesadelo, do qual ficou a dúvida se não era mais real do que a realidade mesma que tentei esquecer o mais rápido possível.

Qualquer um conhece a experiência da 'falta de chão' de alguma maneira, mas mesmo assim, ela é uma "experiência da solidão", que não pode ser nem comunicada nem compartilhada: Ela "derrete, quando discutida publicamente, em um falatório vazio"³ (Bodenlos: 20). É por isso que nem na arte, nem na literatura, nem na filosofia é possível captá-la de verdade, mas sim apenas acercar-se dela e descrever seus contornos. É justamente esta atmosfera afetiva não compartilhável que Flusser usa como ponto de partida para seus textos autobiográficos. Entretanto, ele não tenta captá-la nem torná-la compreensível para o leitor; ao contrário, usa o seu ponto de vista especial, distanciado, imposto e possibilitado por esta experiência, para provocar nos outros (menos conscientes da própria 'falta de chão') um olhar 'de fora' sobre a própria situação.

É possível atestar a experiência da 'falta de fundamento', de maneira direta, autobiograficamente: na esperança de que tal atestado sirva de espelho para outros. A

² Embora Flusser, na versão portuguesa do texto, use a palavra 'fundamento', eu me permiti a liberdade de optar, no meu texto, pela palavra 'chão', já que a considero mais adequada para a tradução de Boden em alemão.

³ As palavras "em um falatório vazio", que faltam na versão em português, foram traduzidas por mim da edição alemã.





própria vida pode tornar-se laboratório para outros. É este (e não, assim espero, vaidade ou vontade de auto-afirmação) o motivo do presente livro. (FLUSSER, 2007: 20)

Assim, não é a testemunha quem está no centro do texto, senão o testemunho mesmo, tanto quanto o ponto de vista a partir do qual ele é feito.

Semelhante a outras autobiografias, especialmente desde o século XX, Flusser afasta-se da típica forma autobiográfica da narração linear da própria vida, cujo foco e fim é uma instância autônoma, o sujeito. Narrando desde a esfera dos acontecimentos de sua vida, desenvolve estratégias textuais singulares - por exemplo, abandonando a ordem cronológica a favor de uma estrutura dialógica. As estratégias autobiográficas seguidas por Flusser na narração de sua vida serão o objeto deste artigo. Nisto, eu me limito aos ensaios autobiográficos reunidos em *Bodenlos*, que foram explicitamente publicados como uma 'autobiografia', embora, por causa da estreita relação que têm entre a vida, o pensamento e o escrever de Flusser, muitos outros textos possam ser considerados autobiográficos num sentido mais amplo⁴. Além disso, encontram-se em *Bodenlos* apenas alguns textos de uma série que, aparentemente, foi planejada para ser mais extensa⁵. No presente artigo, se fará referência a eles em momento propício.

Os ensaios em *Bodenlos* foram escritos em momentos diferentes: no início dos anos 70, em meados dos 80 e depois de 1990⁶. Naturalmente, isto também tem importância para a análise das estratégias autobiográficas.

⁴ Especialmente o texto *Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung*, escrito entre 1988 e 1991, pode ser lido como uma espécie de meta-autobiografia. Cf. Guldin, 2005: 351377.

⁵ Stefan Bollmann, em sua nota para a edição alemã, tanto quanto Guldin (2005: 1415) apontam para uma carta que Flusser escreveu para a editora francesa 'Edition Mame', na qual fala de vários textos já existentes ou planejados que ele queria publicar em um 'depoimento' mais amplo, dividido em três 'ambientes': passivité, disponibilité, engagement e dégageement. Entre outros textos, está anotado um texto sobre política brasileira; aparentemente refere-se a um manuscrito que, após uma tentativa fracassada de publicá-lo na Alemanha no início dos 70, foi publicado em 1994 na editora alemã Bollmann e só em 1999 em português na Editora da UERJ.

⁶ Os textos *Monólogo*, *Diálogos* e *Discursos* foram escritos em 1973/74 em Merano (Itália) e na França. *Habitar a casa na apatridade* foi uma palestra que Flusser deu em 1985 no segundo dos 'Kornhaus-Seminare' ('Seminários do Celeiro') em Weiler na região alemã de Allgäu; Até a terceira e quarta geração foi escrito em 1990 e é, como escreve Stefan Bollmann no seu comentário à edição alemã, o prefácio para um





Escrever a vida: Alguns comentários acerca da autobiografia enquanto gênero literário

Embora exista já desde a Idade Média uma tradição de escrita autobiográfica, o gênero da autobiografia é considerado "o local de nascimento do indivíduo moderno, o qual, através da escrita, sai do anonimato, tornando-se autoconsciente e chamando a atenção para si." [tradução minha] (WAGNER-EGELHAAF, 2000: 10) Foi a partir de 1800 que o gênero adquiriu especial importância na Europa como uma forma de representação do sujeito burguês. Normalmente, era a retrospectiva, realizada em prosa, de uma pessoa sobre a própria vida, considerada em geral de forma linear. A base do gênero é a idéia de uma individualidade autônoma, que só com as profundas mudanças sociais e econômicas daquela época começou desenvolver-se plenamente. No centro de tais autobiografias 'clássicas' está o agir de um 'sujeito autônomo'. Este inscreve a própria vida no contexto contemporâneo, por exemplo, expondo a importância das próprias ações para a época vivida, ou bem descrevendo a própria vida como típica do seu tempo. Além disso, escrever uma autobiografia também serve ao autor para reclamar a autoridade de emitir um julgamento sobre a própria vida e defender-se, desta maneira, de qualquer crítico ou adversário. Sendo o sujeito no texto, tanto quanto o leitor, 'enraizados', talvez não ao mesmo contexto social e cultural, mas vinculados de alguma maneira a algum contexto similar, são também - talvez até especialmente - as biografias individuais extraordinárias que oferecem ao leitor a possibilidade de identificar-se com o protagonista da autobiografia. "There is a long tradition in autobiography of representing the self as utterly unique and, on precisely that basis, able to stand for others through acts of self-inspection and self-revelation." (Gilmore, 2001: 19) As autobiografias foram escritas, originalmente, como textos referenciais, reproduzindo a vida do autobiógrafo desde a posição privilegiada daquele que a viveu. Sugeria-se contar o mais veridicamente possível, e foi exatamente com esta expectativa de veracidade que as autobiografias foram lidas e consideradas como referenciais na discussão acadêmica. Foi desde a 'crise do sujeito' que o gênero autobiográfico mudou em vários aspectos: foram questionados, por exemplo, a

livro sobre a condição de ser judeu praguense (livro que nunca foi escrito); Meu caminho de Praga foi escrito em 1991 sob a impressão da primeira visita em Praga depois da fuga.





aparente autonomia e identidade do sujeito, e chamou-se a atenção para sua fragmentação. Reflexões de cunho teórico-literário colocaram em questão a mera referencialidade dos textos, apontando para o momento da ficção na construção lingüística do 'eu' no texto e para o papel da imaginação no processo de rememoração e de (re-) construção do passado. Foi assim que, além do passado descrito no texto, o momento presente, em que o autobiógrafo lembrou e escreveu, tornou-se o centro do interesse dos acadêmicos.

The truth any autobiography produces is always necessarily a truth restructured and revised in its telling, a mixture of past and present, a process of self-invention in which the content of a life - the very subject of autobiography - is not impassive but mutable. Autobiography is characterized by a particular act of interpretation: lived experience is shaped, revised, constrained, and transformed by representation. In telling the story of the self, the writer imposes order where there is chaos, structural coherence where there is memory and chronology, voice where there is silence. (Gilmore, 1994: 85).

Os textos autobiográficos mais recentes tratam de diferentes maneiras as características tradicionais do gênero, às vezes deliberadamente, não se importando com elas, para encontrar outras estratégias de narração da própria vida. Definir 'autobiografia' como gênero tornou-se a partir daí quase impossível.

Ainda assim, o escrever autobiográfico continua sendo, em sentido amplo, um 'situar-se' dentro de um contexto social contemporâneo. Neste momento, o autobiógrafo inscreve-se no contexto social e retrospectivamente (re-)constrói o próprio desenvolvimento que o levou até a posição a partir da qual escreve.

A descentralização do umbigo do mundo: Praga

Embora Flusser, na introdução para *Bodenlos*, aponte para a solidão da experiência da 'falta de chão' e para a situação incomum que ele tenciona testemunhar, começa sua autobiografia de uma maneira bastante 'clássica', descrevendo o clima cultural da sua cidade natal de Praga, sua família, e principalmente suas leituras e a maneira como ele se





posicionava frente a elas. No estilo das autobiografias clássicas ele situa sua descendência e as influências sob as quais foi criado.

Também conforme as narrações de vida 'clássicas', Flusser promete veracidade. Ele quer 'testemunhar' a própria vida, dar um 'testemunho' sobre ela e, caso isso seja um difícil empreendimento, tematizar essas dificuldades: "Neste ponto do presente livro é preciso confessar o seguinte: a viagem rumo ao passado encontra sempre resistência da memória, que dificulta o progresso. A memória se recusa a entregar tudo que esconde, e muitas vezes cala." (Bodenlos: 48) Embora "tal resistência possa ser vencida pelo esforço da honestidade" (Id.); na versão alemã, Flusser diz que é possível "forçar a memória com violência para descobrir o que nela está escondido." [tradução minha]. Porém, este esforço nem sempre tem sucesso. Quando só é possível arrancar da memória - 'com uma arma encostada no peito' - informações contraditórias, o autor tem que aceitar isto.

Entretanto, oferece-se ao leitor uma promessa de veracidade no sentido do "pacto autobiográfico" (LEJEUNE, 1956), que marca o texto como autobiográfico. O autor afirma contar o passado tal como o vivenciou e arrancá-lo da memória no momento em que escreve. Numa carta para a editora francesa 'Edition Mame', Flusser fala de dúvidas metodológicas acerca da sua escrita autobiográfica:

O que eu escrevo, eu o vivo aqui e agora, mas trata-se de coisas que eu também vivi naquela época. Então escrevendo, eu vivo de novo o já vivido. Uma consequência disto é, por um lado, que eu descrevo uma vivência de segundo grau, quer dizer, que algo do calor da vivência original escapa-se entre meus dedos. A outra consequência é que as experiências que eu tive entre as duas vivências, influenciam a segunda e falsificam a primeira (a que deve ser contada). [...] É legítimo escrever assim? [tradução minha] (carta para a Edition Mame, 9 de novembro de 1973 de Merano)

Embora apareça desejável forçar-se, através de um esforço de lembrança, para um salto ao passado, e com este salto deixar de lado o que tenha acontecido no meio-tempo, para repetir a vivência e descrevê-la enquanto ainda está 'quente', mesmo assim essa tentativa tem que fracassar. Fica claro que também em Flusser, o lembrar e o escrever





autobiográficos dependem de um esforço criativo (e não apenas reconstrutivo) do autor no momento e na situação em que está lembrando.

Descreve-se, no monólogo introdutório, um mundo dado e não questionado, dentro do qual o protagonista nasceu (sem esforço próprio) e foi criado, e no qual cresceu a partir de raízes profundamente ancoradas na história⁷. Ele vive a cultura como uma condição (Bedingung): A cultura à qual a gente pertence por nascimento, que informa a gente desde 'sempre' (e 'sempre' pode significar tanto o despertar da consciência quanto camadas inconscientes muito anteriores) e informa o ambiente dentro do qual a gente vive, tal cultura é vivenciada como um 'dado'. (Bodenlos: 67)

Praga, e especialmente a posição na qual o autor se situa, é marcada pelas dinâmicas especiais entre três culturas (a judaica, a tcheca e a alemã), e é por isso descrita como extraordinariamente inspiradora e dinâmica. Parecia ser meramente a realidade, e descobrir sua profundidade - e enraizar-se cada vez mais nela - era uma perspectiva que o "embriagava" (Bodenlos: 28). A Praga, tida por ele como um 'dado' inquestionável, poderia ter sido o quadro que serviria de âncora segura para uma vida e, se algum dia o autor tivesse escrito uma autobiografia sobre esta, poderia então ter 'acompanhado' o leitor tranqüila e seguramente pelo texto.

Com a perda do 'mundo' praguense, porém, a vida contada dá uma guinada que torna o protagonista mais um estrangeiro ao leitor do que uma figura com a qual possa identificar-se. A fuga via Inglaterra até o Brasil não é vivida como a travessia de um 'mundo' para outro, cujas estruturas seriam diferentes, mas comparáveis às conhecidas, e que poderiam substituir as antigas lentamente. Essa fuga significa antes - ao descobrir de uma maneira terrível (entsetzlich) a relatividade da própria estrutura, antes tomada como absoluta - a futura impossibilidade de um estar enraizado em qualquer sistema. A falta de

⁷ Aqui, a questão da língua é central, já que é ela que permite ao homem criar um acesso ao mundo, ao mesmo tempo em que o afasta dele. As traduções entre as diferentes línguas descobrem sua função de construir realidade. Cf. ao respeito Língua e realidade (Flusser, 1963) e Guldin (2005). Aqui só quero apontar para a importância fundamental do tema da língua; qualquer discussão detalhada extrapolaria a alçada do presente artigo.





chão é a experiência do caos. O "atestado de falta de fundamento"⁸, testemunhado por um expulso, deixa o leitor olhar a própria vida 'com outros olhos' e começar a perceber o próprio 'estar-se abrigado' como uma condição.

Na medida em que ao abandonar o próprio 'chão' cultural, todo e qualquer chão também é abandonado, o protagonista sai do quadro dentro do qual o leitor poderia identificar-se com ele. Pairando sobre as culturas, ele escapa da possibilidade de identificação, e, de uma maneira incômoda, questiona a vigência absoluta de qualquer cultura. Desde o ponto de vista de um 'expulso', mostra-se ao leitor a relatividade do próprio mundo, a limitação da própria perspectiva e finalmente a condição da própria vida.

O mundo praguense, aparentemente tão promissor, torna-se estreito e limitado no retrospecto. "A estreiteza de Praga era encoberta por sua profundidade. Pois isto é sintoma do estar-se abrigado: tomar-se como centro do mundo." (Bodenlos: 28) Parecia universal, mas era condição, limitação; era uma ilusão de totalidade e universalidade, enfraquecida através da fuga de Praga. "Não importa se praguense ou londrina, a gente é provinciana se tem fundamento. Mas quem foi arrancado da ordem vê o mundo todo." (Bodenlos: 37) Porém, Flusser não aponta apenas pela relatividade do acesso humano ao mundo, mas também mostra que há uma saída, como escreve GULDIN (2005: 31): "Não se trata de instalar-se no entre, na mesma Bodenlosigkeit [estado de 'falta de chão'], senão de percebê-la como a própria determinação fundamental e superá-la." [tradução minha] Narra-se uma vida na qual este conhecimento não somente se torna suportável, apesar do seu horror, mas também existencial e intelectualmente produtivo.

O papel do intelectual, diz Flusser, consiste em "provocar inquietação nos receptores" (Bodenlos: 204), ou, como escreve em um texto posterior: "O intelectual [...] deve ser aquele mosquito que pica as pessoas para abri-las para experiências e motivar seus corpos e pensamentos para uma constante mudança de pontos de vista, sem preconceitos." [tradução minha] (FLUSSER, 2007b: 84) Os textos autobiográficos descrevem a experiência de colapso de todas as aparentes certezas ('preconceitos') e

⁸ É este o título que Flusser deu, no seu manuscrito, aos capítulos Monólogo, Diálogos e Discursos.





motivam o leitor a questionar as suas. Nisso, a vida contada como tal não é um modelo a ser seguido (e sua autobiografia não é didática, como muitas outras o são). Ao contrário, cada vida tem que ser vivida conforme as próprias experiências, já que o narrado não pode ser vivenciado. Informações apropriadas sem um vivenciar próprio levam a insinceridades (como, por exemplo, o 'comunismo de salão' em Praga, daqueles que eram marxistas "por razões marxisticamente falsas" (Bodenlos: 26) e das quais Flusser distancia-se retrospectivamente).

'Descobrir-se no outro': Do monólogo aos diálogos

Continuar contando em uma ordem cronológica, não seria adequado para uma existência que foi expulsa da segurança de um enraizamento na história. São as relações interpessoais e os diálogos que se tornam tanto uma nova maneira de dar sentido, quanto de fornecer uma estrutura para o texto autobiográfico. Para o engajamento no Brasil e para o Brasil surge a necessidade de um escrever autobiográfico que se evada da linearidade do gênero e deixe de situar o sujeito como elo em uma cadeia de acontecimentos históricos, mas em uma rede de relações dialógicas, na qual participa ativamente:

O presente livro recorreu a uma cronologia aproximada [...] por duas razões. Uma é o fato de que até aqui a vida da gente tinha sido mais passividade e paixão que atividade e ação, e que, portanto, tal vida se inseria no contexto geral dos acontecimentos e tal contexto é ainda universalmente medido por cronologias. [...] Mas doravante a estrutura do fenômeno relatado muda radicalmente. A vida a ser relatada agora interessa mais como conjunto de ações que como conjunto de paixões [...]. De modo que a cronologia não serve mais como método de descrição, e outros critérios devem ser buscados. (Bodenlos: 91).

O que dá uma estrutura à narração da própria vida não é mais uma série de vivências, mas a importância dos diálogos com outros.

Os diálogos descritos são, na sua maioria, bastante controversos e consistem em pôr em dúvida a posição do outro quanto a questões filosóficas fundamentais. Os participantes do diálogo são "pessoas que estão de posse de informações duvidosas, e que dedicam a





sua atividade à submissão de suas informações à prova, a fim de alcançarem informação 'válida', isto é, 'valores'." (Bodenlos: 90) É a relação em si mesma que se torna uma nova 'constante'. Não são mais as aparentes certezas sobre o mundo, que deveriam ser reafirmadas e defendidas contra possíveis dúvidas fundamentais, senão que é o duvidar, pensar e criar em comum e recíproco - os diálogos mesmos - que formam um novo fundamento para uma existência que tenha sentido. Trata-se de uma base sobre a qual não se pode apoiar nem ficar parado, mas sim uma rede cujos fios cada um fica tecendo em conjunto com outros, e na qual cada um situa-se de maneiras diversas, dependendo da constelação do diálogo com diferentes parceiros. O autor não mais descreve o caminho linear da vida do sujeito autobiográfico, que se movimenta em um contexto e se posiciona em relação a ele, enquanto, ao mesmo tempo, esse contexto vai sendo constantemente reordenado 'ao redor dele' mesmo. Ao contrário, o sujeito surge, sempre e de cada vez, a partir da interação com e em função dos outros. A responsabilidade pelo outro, que tem que se assumir criando 'afinidades eletivas', consiste entre outras coisas em ser para o outro um oposto no qual ele mesmo possa reconhecer-se, para finalmente mudar tanto o outro quanto a si mesmo⁹.

Fica claro como Flusser se vê, nos diálogos, em papéis muito diversos, e como, em constelações interpessoais diferentes, surgem também diferentes aspectos do seu pensar - às vezes surpreendendo ele mesmo, como no diálogo com Milton Vargas: "O absurdo de tal lealdade dividida era o seguinte: a gente optava pela razão periclitante, embora toda a mentalidade da gente tivesse tendido para o lado irracional das coisas. E Vargas optava pelas 'forças novas' (na realidade 'arcaicas'), embora toda a sua mentalidade tivesse tendido para o lado científico e técnico das coisas." (Bodenlos: 101)

Além disso, é visível como o próprio posicionamento frente aos textos e questões filosóficas tem origem, por um lado, na própria experiência existencial e, por outro lado, nas discussões com amigos e com a percepção e o modo de interpretar deles, o qual

⁹ Oliver Bidlo apontou, em um colóquio sobre a teoria da mídia e das imagens em Flusser (Weimar, Alemanha, 29 até 31 de março de 2007), para a importante contribuição da filosofia de Martin Buber para o modo como Flusser pensa o diálogo.





levava a uma mudança em ambos participantes do diálogo. Por exemplo, novamente no diálogo com Vargas: "passava-se a admitir, com graves reservas, que afinal de contas havia valores (todos eles extra-rationais) em prol dos quais valia a pena viver (e talvez até morrer). Desta maneira Vargas era o motor propulsor do engajamento da gente." (Bodenlos: 104) Na descrição dos diálogos, acontece uma mudança importante no texto. Até no diálogo com José Bueno, Flusser utiliza a forma impessoal 'a gente', expressão bastante coloquial e incomum para uma autobiografia. Isto pode ser entendido como uma tentativa de, apesar da forma autobiográfica, não situar-se como 'testemunha' no primeiro plano, senão de dar ênfase no próprio testemunho e na condição desde a qual o testemunho é feito, quer dizer, de recolher-se a si mesmo e escrever em função do leitor. Como escreve Gustavo Bernardo no seu prefácio para a edição brasileira, Flusser "questiona de dentro, na forma, o 'eu solar', isto é, o 'eu' enquanto centro do sistema e do universo." (BERNARDO, 2007: 15). A partir do diálogo com Romy Fink, Flusser repentinamente passa a usar o 'eu' autobiográfico. Essa mudança parece ser, por um lado, uma reação à crítica do editor francês, por outro lado uma consequência da forma dialógica, como indica uma carta de Flusser para a 'Edition Mame': Sendo convidado a escrever uma autobiografia, aparentemente eu reagi assumindo o perigo. Mas na verdade eu [...] me coisifiquei, (réifique [em francês no original]), e por isso o 'a gente' e o tom falso do meu texto. Mas quando comecei descrever meus amigos, eu acabei por descobrir a mim mesmo, contra minha própria vontade, nestas outras pessoas e a partir daí meu tom se tornou mais autêntico. [tradução minha] (carta para a 'Edition Mame', 20 de dezembro de 1973 de Merano)

É só nos diálogos com os outros que vem à luz - mesmo sem querer - um 'eu' autobiográfico que o mesmo Flusser toma por mais autêntico e mais adequado a si mesmo. Ao contrário, no monólogo, o protagonista objetivou-se, o que possibilitou ao escritor uma esquiva do 'perigo' de uma confrontação, talvez dolorosa, com o próprio passado. Ao mesmo tempo, porém, era mais difícil 'arrancar' o 'eu' passado da memória. Segundo a crítica do editor, Flusser escreve na mesma carta, "eu me 'assumi', (assumé [em francês no original]), e escrevi na primeira pessoa, deixando a palavra tanto a mim





[ênfase do autor] quanto aos meus interlocutores." Porém, modificar os textos já escritos conforme essa nova atitude significaria ter que escrever tudo de novo, já que: "Como pode reformar-se o que já está formado?" (ibid.) [traduções minhas].

Este projeto, Flusser nunca empreendeu.

Engajamento: mudar os outros através da escrita

É assim que o diálogo e a comunicação são revalorizados e que, para além do conteúdo das conversações descritas, são as dinâmicas entre as figuras que fascinam. É evidente que as idéias de individualidade e sujeito, base das autobiografias clássicas, tornam-se impossíveis. Na retrospectão, Flusser escreve que já em Praga, movimentando-se entre as três culturas da cidade, "passava-se a desprezar toda identificação nacional como arcaísmo. Era-se internacionalista nato, já que o ridículo de toda diferenciação nacional mostrava-se intimamente vivenciável." (Bodenlos: 25) O ridículo da identidade fica ainda mais evidente quando o sujeito passa a surgir só na interação com outros - quando é um 'nó em uma rede de comunicação', escreve mais tarde.

Pouco antes da sua morte, Flusser, em uma entrevista com a emissora suíça DRS, no dia 30 de setembro de 1991, evade à pergunta do jornalista, que tinha pedido para ele falar da própria biografia, e aponta pela impossibilidade da identidade:

Estou convencido que o conceito do Eu, do si-mesmo, da identidade, é ideológico e que é preciso abandoná-lo. [...] Uma biografia não pode tratar de nenhum 'eu'. E quem descreve sua própria autobiografia, não viveu. Eu acho que uma biografia consiste em enumerar os enredamentos pelas quais passou qualquer uma corrente de vivências. Quando olho para trás na minha vida - coisa que eu não gosto de fazer, já que prefiro olhar para a frente -, mas quando olho para trás na minha vida, não encontro identidade nenhuma. [tradução minha] (Flusser, 2007b: 120)

Quando o diálogo imediato torna-se o momento central do próprio dar-sentido, então o escrever e o publicar também têm o fim de ser 'mediatamente' dialógico: Faz-se ao leitor uma oferta de um diálogo, sendo o autor um 'outro' para o leitor, um oposto (um





'laboratório' da falta de chão, que eles mesmos não percebem conscientemente), enquanto o leitor pode reagir e tornar-se a si mesmo um oposto para o autor, que por sua vez pode posicionar-se de novo. "Os leitores [...] conhecem-me enquanto pessoa que discorre a fim de modificar o receptor da sua mensagem, e sentem tal vontade minha durante a sua leitura." (Bodenlos: 201)

Engajamento também significa assumir pontos de vista de uma maneira sincera - que correspondem às próprias vivências existenciais - e 'jogá-los na roda': o engajamento tem que ser 'sincero'. Quanto mais honestamente o escritor confronta-se com o que acontece com ele, mais valoroso pode ser sua contribuição ao diálogo. Não é por acaso que Flusser escreve que sua vida era uma "vida-ensaio" (Bodenlos: 83). A já mencionada tentativa de contar o vivido no passado não falsificado (tentativa que, como ele mesmo percebe, não pode cumprir-se) entra numa tensão com um projeto ensaístico que assume um ponto de vista subjetivo e que é engajado:

Eu escrevo engajadamente, e meu engajamento realiza-se em vários níveis. Na superfície, sou engajado pela cultura brasileira, um pouco mais profundamente para um determinado tipo de cultura, ainda mais profundamente para um tipo de estar-no-mundo em perigo, e mais profundamente ainda para coisas das quais não tenho consciência. Assim, o que eu escrevo não é objetivo, senão - consciente ou inconscientemente - 'intencionado'. Isto quer dizer que é 'falso'? É falso no sentido de que confronta o objeto desde o ângulo do meu próprio engajamento, mas é verdadeiro no sentido de que, nesse processo, meu engajamento se torna expresso. (Escrever de outra maneira seria existencialmente falso). É legítimo isto? (carta para a 'Edition Mame', 9 de novembro de 1973 de Merano).

A retrospectiva do gesto autobiográfico, portanto, acontece em função de um engajamento no momento de escrever.

O olhar para dentro e para fora: autoposicionamento e autoterapia

As autobiografias clássicas tentam situar o sujeito dentro de um sistema que é válido também para os potenciais leitores, reafirmando assim este sistema e a validade das suas





'categorias' e excluindo da auto-representação aquilo que não corresponde às normas. Para Flusser, porém, este tipo de 'segredos', desde a fuga de Praga, não existe. Na rede da comunicação, é justamente das contradições e da estranheza que surgem as conversações inspiradoras, as quais tornam a rede mais rica e mais 'habitável'. Porém, o escrever autobiográfico é, também para Flusser, um esforço para situar-se dentro de um contexto social, e por uma 'ordem' para a própria vida.

Nisso, trata-se também de confissões e justificações. Flusser ajusta elementos da sua 'imagem' e os contextualiza de tal maneira que corresponde à sua visão das coisas, e que ele possa justificá-la. Assim, por exemplo, a repreensão de ele ter uma inclinação para a direita, com a qual foi confrontado freqüentemente por parte dos intelectuais da esquerda, que, por causa dos seus contatos com pensadores direitistas como Miguel Reale e Vicente Ferreira da Silva, deram-lhe o "rótulo de 'direitista' [...] do qual jamais consegui libertar-me." (Bodenlos: 195) Porém, ele não assume as categorias e normas vigentes e justifica-se dentro delas, senão que cria, para sua vida sem chão, excluída de qualquer 'normalidade', critérios alternativos, que tenham sentido.

Flusser continua sendo estrangeiro e sem chão; mas é justamente como estrangeiro que ele se inscreve em um contexto maior. Não se trata de uma tentativa de escrever para conquistar um lugar dentro de um sistema de significado e poder, para desafiar as circunstâncias ou criticar desajustes. Trata-se, contudo, de um inscrever como estrangeiro que não se integra e que, precisamente pela sua posição especial e distanciada (e pela contribuição que ele faz desde esta posição), vive uma vida que faz sentido dentro da sociedade e para a sociedade (e assim também para ele mesmo). Em *Natural:mente*, Flusser escreve: "Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, da sentido ao mundo, e de certa maneira o domina. Mas o domina tragicamente: não se integra. O cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo." (Natural:mente: 47)

Com isso, acontece uma espécie de conversão de estigmas: Como estrangeiro, expulso do mundo, Flusser - primeiro o refugiado "reduzido ao nível biológico" (Bodenlos: 32), "jogado pelas ondas do absurdo contra as praias do irreal" (ibid: 39) - torna-se não menos





que o laboratório de um novo modelo de vida, uma experimentação de vanguarda para dar novos sentidos ao humano, que talvez possa mostrar caminhos possíveis para se sair da crise da cultura ocidental.

Surge, na autobiografia, uma complexa relação entre o escritor e a sociedade, entre os olhares para dentro e para fora: Enquanto o olhar para dentro está em função de um 'fora' (a publicação de uma autobiografia só é justificada se puder ser útil para outros e possivelmente provocar uma mudança neles), o olhar para fora, para a sociedade, acontece em função do autor, cuja vida só tem sentido se é situada - embora seja em uma posição muito excêntrica - em um contexto social. Trata-se, como escreve Rainer Guldin, de uma "estratégia de autoterapia":

Sendo a tragédia privada transferida para um contexto coletivo, ela transforma-se em um possível modelo de explicação para a condição humana na (pós-) modernidade. O duvidoso em um tal sistema simplificador é evidente. Sua atração consiste em que permite dissolver o insulto sofrido em uma visão da sociedade inteira, e assim nobilitá-lo. [tradução minha] (GULDIN, 2005: 32)

A estranheza própria, da sua parte, leva-o a um trato destemido com o estranho: Uma vez desaparecidas todas as certezas, e a rede das relações interpessoais tornada o 'fundamento' sobre o qual movimentar-se, o 'estranho' deixa de ser uma ameaça para algo 'próprio' a ser defendido, senão que vira um desafio para a capacidade de incluí-lo, sempre de novo, na rede dialógica. O 'outro', que põe em dúvida o 'próprio' simplesmente pelo fato de ser diferente, perde sua periculosidade quando o sentido da própria vida tem lugar não só dentro do próprio mundo culturalmente familiar, referindo-se às categorias nela reinantes, mas também se funda justamente no diálogo com o outro, seja este mais ou menos 'estranho'¹⁰.

¹⁰ Eu gostaria de apontar aqui para das Unheimliche, de Freud, que é algo originalmente 'próprio' que, durante o desenvolvimento de toda pessoa, é excluído e projetado para o 'outro'. A partir deste momento, fica inquietante e assombra o homem, por exemplo, em pesadelos. Analogamente poderia dizer-se que a experiência da 'falta de chão' e da relatividade do próprio mundo está presente em qualquer pessoa, mas que é reprimida. O 'outro' - representando 'mundos' alternativos e pondo em dúvida a vigência absoluta do





Retrospecção como ponto de partida

Ao contrário de um auto-retrato, uma autobiografia não é nenhum instantâneo, senão é a construção textual da vida toda vivida até o momento, justamente a partir e em função do momento e da situação de vida em que o autobiógrafo escreve. Como se trata, em Bodenlos, de uma compilação de textos que foram escritos em momentos diferentes (inclusive outros textos, aqui não tratados, podem ser lidos como autobiográficos), há aqui o raro caso de uma biografia escrita passo a passo. Fica evidente como cada perspectiva posterior 'ultrapassou' a anterior, e como foi criada, cada vez de novo, uma retrospecção pertinente e ao mesmo tempo um novo ponto de partida para ações futuras.

Assim, os três capítulos escritos no início dos anos 70 representam uma tentativa anterior de 'ordenar' retrospectivamente o engajamento - praticamente fracassado - no Brasil, de posicionar-se frente a ele e de, escrevendo, dar-lhe um sentido¹¹. A ordem construída na retrospecção pode servir de ponto de partida para mais experiências, após as quais uma nova retrospecção cria uma nova ordem em um nível mais alto - como, por exemplo, no ensaio *Habitar a casa na apatridade*, no qual o engajamento e as experiências no Brasil são captados com novos e diferentes conceitos.

É assim como Flusser empreende um 'alisamento' e ordenamento da história da sua vida, mas não 'produz' um desenvolvimento linear. Ao contrário, narra as dinâmicas e as perguntas fundamentais da sua vida de tal maneira que as rupturas (antes de tudo, a queda do mundo praguense) na própria vida encontram, nessa ordem criada por ele

próprio - surge em um sentimento inquietante (*unheimlich*) de 'falta de chão' que normalmente tenta-se reprimir de novo (cf. Freud, 1970). Pela perda do 'próprio' e pela experiência radical da relatividade de qualquer sistema de significado, o 'outro' perde, para Flusser, seu caráter inquietante (*unheimlich*), já que dar sentido à própria vida funciona através de relações e de comunicação, as quais pressupõem um 'outro', um oposto.

¹¹ Isto é certo também para o livro *Fenomenologia do brasileiro: Em busca do Novo Homem*, escrito pouco antes; na já mencionada divisão alternativa em quatro 'ambientes' da planejada autobiografia ampliada, Flusser situa um texto sobre política brasileira na parte do *dégagement*. Ele é, tanto quanto Bodenlos, um distanciamento, talvez um fazer balanço, após o qual é possível um novo engajamento.





mesmo, um lugar pertinente. Os textos posteriores têm que ser, cada um, um grampo maior, para incluir novas experiências. GULDIN (2005) fala, neste contexto, de um trabalho de tradução que não só marca o escrever de Flusser em várias línguas, senão também um processo interminável de construção de uma identidade:

Em Flusser, o momento prático da vida e o momento gnoseológico estão inseparavelmente ligados: a prática da tradução possibilita uma crítica que destrói identidade, uma superação da própria determinação lingüística e cultural, e permite ao mesmo tempo uma conexão - embora efêmera e a ser construída sempre e cada vez de novo - das diferentes camadas divergentes de uma identidade partida com uma codificação cultural múltipla. Este momento da interminabilidade radical de qualquer trabalho de tradução, seja em referência ao processo de construção de uma identidade ou ao processo de escrever em várias línguas, é central para Flusser, que aqui recorre à tradição judaica da exegese de textos. (GULDIN, 2005: 12)

É assim como a idéia da apatridade o resultado de uma retrospectiva sobre a vida feita desde uma perspectiva diferente - posterior e por isso incluindo inúmeras experiências novas - e que põe em relevo e sob uma outra luz as vivências, diálogos e experiências contadas nos capítulos dos anos 70. Também o papel do migrante (que vive as experiências da falta de chão em uma medida muito mais drástica) como "vanguarda do futuro" (Bodenlos: 223), ou a idéia de o homem habitar redes de relações interpessoais. "Não é que o Brasil seja a minha pátria, pois 'pátria', para mim, são os homens pelos quais eu tenho responsabilidade." (Bodenlos: 232) representam uma maneira de posteriormente dar um significado que nos textos anteriores não aparece com a mesma clareza.

Todos os textos autobiográficos, então, significam um 'alisamento' e ordenamento da própria história desde o momento atual, mas ao mesmo tempo ficam 'abertos': Em vez de fixar a própria vida, descrevem-se dinâmicas dentro das quais aconteceu e acontece, bem como uma atitude com a qual confrontar-se diante dos desafios da 'falta de chão'. Estas não são termináveis. Cada texto torna-se também um novo ponto de partida para a vida futura, que sempre muda. A meta do escrever autobiográfico, porém, não é de construir





um muro protetor ao redor de si mesmo, de um 'eu' construído no texto de uma maneira arredondada e 'acabada'. Não é um 'fechar', senão um 'abrir', um passo dentro de um processo, que vai prosseguir e continuar mudando o escritor.

No ensaio Até a terceira e quarta geração, escrito em 1990, fica claro como Flusser se via obrigado, e se mostrava disposto, a continuar com essa dinâmica e não descansar em uma visão retrospectiva da própria vida. Refletindo que "para poder negar sua condição é necessário primeiro admiti-la" (Bodenlos: 238), Flusser mostra-se disposto a enfrentar-se de uma maneira mais consciente à própria condição de ser judeu praguense: "Se não admitirmos sermos mamíferos, e insistirmos em querer ser aves, jamais voaremos. As reflexões involutas e rebuscadas são inevitáveis, porque admitem a necessidade de nos assumirmos antes de nos negarmos." (Bodenlos: 238) A condição de ser judeu praguense não pôde, por causa do exílio anterior, ser assumida plenamente; o reconhecimento de que ainda existiam fios invisíveis ligando ele à Praga daquela época, provoca nele o desafio para um novo esforço de superar essa determinação. Porém, também a publicação dessa tentativa muito pessoal de livrar-se das próprias determinações e ligações involuntárias só é justificada se acontecer em função de outros. Flusser decide, então, "que o texto não deve ser autobiografia. Ser judeu em Praga não deve ser problema a ser analisado introspectivamente. O texto deve partir do seu autor na direção dos poucos sobreviventes e numerosos mortos, a fim de assumir o problema intersubjetivamente." (Bodenlos: 239)

Escrever e publicar - não importa se textos mais ou menos autobiográficos - sempre têm a ver com o processo interminável de autocompreensão, mas o autor somente considera-os justificados se tornar a sua perspectiva e situação 'sem chão' útil para outros.

Bibliografia:

BERNARDO, Gustavo (2007). A gente de Flusser. In: FLUSSER, Vilém (2007a). Bodenlos. Uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 9-15.





- FLUSSER, Vilém (2007a). *Bodenlos. Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume.
- FLUSSER, Vilém (2007b). *Die Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*, compilado por Stefan Bollmann. Berlim/Viena: Europäische Verlagsanstalt.
- FLUSSER, Vilém (1998). *Fenomenologia do Brasileiro. Em Busca de um Novo Homem*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- FLUSSER, Vilém (2005). *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume.
- FLUSSER, Vilém (1979). *Natural:mente. Vários Acessos ao Significado de Natureza*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- FLUSSER, Vilém (1994). *Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung*. Bensheim/Düsseldorf: Bollmann.
- FREUD, Sigmund (1970). *Das Unheimliche*. In: FREUD, Sigmund. *Studienausgabe, Vol. IV*. Frankfurt a.M.: Fischer.
- GILMORE, Leigh (2001). *The Limits of Autobiography*. Ithaca/Nova York: Cornell UP.
- GILMORE, Leigh (1994). *Autobiographics. A Feminist Theory of Women's Self-Representation*. Ithaca: Cornell UP.
- GULDIN, Rainer (2005). *Philosophieren zwischen den Sprachen. Vilém Flussers Werk*. Munique: Fink.
- LEJEUNE, Philippe (1989). *Der autobiographische Pakt*. In: NIGGL, Günter (Hg.). *Die Autobiographie. Zu Form und Geschichte einer literarischen Gattung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 241-258.
- WAGNER-EGELHAAF, Martina (2000). *Autobiographie*. Stuttgart/Weimar: Metzler.

*As cartas inéditas citadas neste artigo encontram-se no Flusser-Archiv (Arquivo Flusser) em Berlim.

Texto recebido em 01 de dezembro de 2007

Text received on December 01, 2007

Texto publicado em 01 de março de 2008

Text published on March 01, 2008

